

Missões jesuíticas da bacia do prata:
de patrimônios históricos nacionais a patrimônio cultural da
humanidade *

Jesuit Missions of the Platine Basin:
From National Historical and Artistic Patrimony to World Cultural Heritage

Dalton Sala **

*... um dia que vem vindo e que eu vivo para cantar,
na avenida girando o estandarte na mão para anunciar...*

(trecho de uma marcha-rancho retida na memória)

A arquitetura é uma das formas pela quais se pode estruturar a História.

O que é a História? O senso comum identifica a História com os fatos, ou melhor, com a seqüência dos fatos.

Mas a História não é uma simples seqüência de fatos, assim como a Geologia não é um monte de pedras e a Matemática não é um conjunto de símbolos.

É o sentido de organização, o desenho da estrutura que define a intenção de uma História, sendo possível falar de Histórias, na medida em que diferentes organizações estruturais orientam as intenções originais.

Portanto, é a organização estrutural dos fatos que define uma História, sendo que sempre há uma intenção na origem desta organização.

* Trabajo inédito presentado en el simposio “Políticas de patrimonio. Prácticas y discursos” de las XII Jornadas internacionales sobre las Misiones Jesuíticas, Buenos Aires, 23 al 26 de setiembre de 2008.

** Doutor pela Universidade de São Paulo.

Uma História se constitui enquanto narrativa: oral, textual ou arquitetônica, etc.

São os documentos (orais, textuais ou arquitetônicos, etc) que conferem às estruturas narrativas maior integridade e coerência.

Esses documentos, quando autênticos, conferem à narrativa um nexos com a realidade concreta que o tempo engoliu.

Sendo os documentos também narrativas, uma história é uma narrativa feita de narrativas, um contar dentro de outros contares? Como nas Mil e Uma Noites ou nos Manuscritos de Saragoça, um labirinto sem saída?

Vou deixar a resposta para um pouco mais à frente, mas já adiantando que a História é o fio, melhor dizendo, os fios que levam às saídas do labirinto, conduzindo em direção ao futuro.

E que a História, dentro dessa minha maneira de vê-la, é uma textura, um tecido de muitos fios.

Quando à leitura de um documento acrescentamos a veneração (o que equivale a dizer que associamos a um tipo especial de memória valorativa à presença física do documento), temos um monumento.

É claro que a qualidade da veneração depende da situação do indivíduo, ou seja, de sua associação ou conexão com grupos humanos, que marca sua posição em face ao monumento e o momento de sua leitura do documento.

Mais uma vez, parece evidente que não estamos em face de apenas uma História, como Heródoto em frente a Clio, mas vislumbramos muitas Histórias.

E que, como os astrônomos, só podemos enxergar o Universo a partir de nosso próprio ponto de vista, e que mesmo algumas leis inferidas em nosso ponto de vista podem não funcionar se mudarmos o ponto de vista, especialmente no caso de variações extremas de distâncias e com grandes diferenças de velocidade e de dimensão.

Então, na História, assim é se lhe parece? Não, a saída não é tão fácil assim, e gostava de dizer que, para mim, a melhor História é a que aponta para o futuro, respondendo aos desafios do presente, a partir da experiência do passado (registrada nos documentos e nos monumentos).

Voltando a Heródoto, quando consultada pelos atenienses a respeito da ameaça representada pelas hostes de Xerxes, a pitonisa de Delfos disse-lhes que um muro de madeira serviria de refúgio para eles e seus descendentes.

E houve conflito entre abrigar-se na antiga paliçada no coração da cidade ou de construir uma nova frota que venceria os persas nos domínios de Poseidon...

A História se encarregou de responder ao dilema que, afinal, se resumia entre voltar ao passado ou caminhar para o futuro.

Para os espanhóis, as missões religiosas eram os marcos avançados nas fronteiras de seus domínios coloniais: não apenas as missões jesuíticas, mas também as franciscanas,

como fica claro nas fronteiras entre os domínios espanhol e francês na América do Norte, que hoje são os limites entre os estados norte-americanos do Texas e da Louisiana.



Ruínas da Missão Jesuítica de San Ignacio Mini, Argentina. Foto de autor desconhecido *circa* 1901. Acervo do Arquivo de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Imagem pertencente à Coleção Robert Chester Smith, cedida por Mario Buschiazzo.



Missão Jesuítica de San Ignacio Mini, Argentina. Foto: Tiago Sala, 2006.

Na América do Sul, ao longo das margens dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, as missões jesuíticas foram os marcos móveis das fronteiras coloniais espanholas, avançando ou recuando conforme a intensidade da pressão portuguesa.

E quando ultrapassaram esses rios em direção ao Oriente, sofreram ataques dos bandeirantes paulistas no Guairá, no Tape e no Itatim.

É esta realidade de fronteira que explica a importância que é dada às missões pelos dois bandos em conflito, esclarecendo também a continuação destes conflitos no momento dos tratados de limites entre as coroas ibéricas e, na seqüência, entre as nacionalidades emergentes na bacia do rio da Prata.



Missão Jesuítica de San Ignacio Mini, Argentina. Foto: Tiago Sala, 2006. Detalhe da Entrada Lateral Direita da Igreja.

É fato que na América do Sul os grandes rios são hoje fronteiras, e não vias de comunicação.

Durante o século XIX, as guerras assolaram as populações indígenas e destruíram o patrimônio arquitetônico e cultural das missões, quase apagando a mais importante narrativa urbanística americana.

Se entendermos que os conflitos de fronteira, resolvidos por força das armas, foram impulsos de nacionalidades emergentes, fica claro por que os estados nacionais colocaram as missões sob a égide de seus patrimônios históricos, definidos enquanto nacionais.

Este predicado nacional gerou interpretações curiosas, como a brasileira em relação aos Sete Povos, ou a do departamento boliviano de Santa Cruz, que invoca as missões de Chiquitos no contexto de suas reivindicações de autonomia.



Igreja de San Miguel de Chiquitos. Púlpito.
Foto Tiago Sala, 2006.



Igreja de San Miguel de Chiquitos: Base do Púlpito. Foto Tiago Sala, 2006

Mas o mundo contemporâneo tem outras exigências, exigências de comércio internacional, vulgarizadas sob o rótulo de globalização: uma globalização cujas principais características são a total degradação do meio ambiente e o desrespeito pelos direitos dos indivíduos, por mais que se afirme o contrário.

Outra característica da globalização: a difusão rápida da informação levou, por um paradoxo dialético, à formação de grandes blocos econômicos cada vez mais fechados social e culturalmente, exceto pelo consumo desenfreado de fragmentos de culturas alheias, formalizado no turismo cultural.

Como conseqüência destes movimentos tectônicos da economia internacional, algumas nações sul-americanas reuniram-se em um bloco econômico, o Mercosul, cujo centro é, naturalmente, Buenos Aires, e cuja maior riqueza natural são os imensos recursos hídricos que possui.

Entretanto, a união de nações com uma história de intensos conflitos em suas origens, não se dá com a mesma facilidade com que se propõe, e enumerar as vantagens da exploração e desenvolvimento econômico conjunto não é suficiente para realizar a unidade política.

E, no caso das águas, o fato é que os grandes rios são barreiras, não são fatores de integração.

Para concretar este bloco que se chama Mercosul o cimento ideológico proposto foram as missões jesuíticas, rapidamente transformadas de patrimônios históricos e artísticos nacionais em patrimônio cultural da humanidade.

Paralelamente, sua exploração econômica (atualmente denominada sustentabilidade), passa a ser o turismo cultural.

Para funcionar economicamente e dar sustentabilidade aos sítios históricos, o turismo cultural implica em massas humanas transportadas de um ponto a outro do planeta sob o pretexto de tornarem-se mais cultas e mais sensíveis pela visita a monumentos históricos, sem atentar para o fato de que essas práticas constituem mais um fator de degradação do meio ambiente, tanto em seus aspectos naturais quanto culturais.

Finalmente, há de se considerar que as missões jesuíticas são um fato de fronteira, e fronteiras espanholas contra os avanços lusitanos: há sempre uma perspectiva unilateral atuando nessa proposta de transformar as missões jesuíticas espanholas em fator de coesão entre brasileiros, argentinos, paraguaios, uruguaios e chilenos e uruguaios.

Na verdade, o que une (ou deveria unir) essas nações são imensos recursos hídricos compartilhados e a necessidade de uma política comum para preservá-los.

(Saudações aos uruguaios e à sua “nueva papelera” fornecida pelo capital espanhol que exporta poluição para proteger os seus recursos hídricos: sob o disfarce, com a desculpa de criar postos de trabalho, os espanhóis exportam e globalizam sua poluição).



Igreja de San Miguel de Chiquitos: vista frontal. Foto Tiago Sala, 2006.

Livio Abramo Paraguai. Xilografia, 1957.

De fato, isso mostra que o culto às ruínas jesuíticas, a veneração a estes monumentos, não foi e nem será suficiente para abolir as fronteiras entre nações americanas: justamente porque, dentro de sua história, as missões religiosas instaladas pelo império colonial espanhol em terras americanas significaram exatamente fronteiras, marcos de fronteiras, e não a sua abolição.

E então, o que faremos com as missões jesuíticas, que sentido daremos, no futuro, a esses monumentos?

Pergunta que equivale ao enigma que o oráculo propôs aos atenienses: as duas perguntas se resumem em uma: qual o sentido da História?

Volto a insistir: o sentido da História é olhar o futuro, respondendo às questões do presente, com base nas experiências do passado.

O grande desafio da globalização é a degradação acelerada, aparentemente irreversível, do meio ambiente.

Ao observarmos os planos de instalação das missões jesuíticas percebe-se um compromisso com a paisagem, vemos nitidamente zonas de transição entre o construído e o natural, pressupondo uma precoce compreensão ecológica entre das relações entre a cultura e a natureza.

Em San Ignacio Mini ainda é possível observar os sistemas de esgoto e os sistemas de fornecimento de água potável; em São João Batista, são nítidas as zonas de transição entre a urbanização e a mata.

Ao limitar o número de habitantes de uma redução, os padres zelavam para que as condições de vida não deteriorassem em razão de aglomerações humanas propícias às enfermidades e insanidades, inclusive mentais, que grassavam nas cidades coloniais.

Ao estabelecer o regime de propriedade comunitária, garantiam condições de vida bastante razoável para a população. Paralelamente, comerciando o excedente de produção (couros, algodão, erva mate), obtinham condições de adquirir aquilo que a redução não podia produzir.

E, acumulando o excedente que não era exportado, criavam condições para investir na mão-de-obra que produziu a cultura missioneira: templos, instrumentos musicais, livros, pinturas, imagens, sem esquecer o que era empregado na educação dos indígenas.

Fornecendo, ao mesmo tempo, o necessário elemento religioso capaz de manter a coesão do grupo.

Neste momento, em que a América Latina volta ao cenário internacional como grande fornecedora de alimentos e de matérias-primas, não seria preferível ressuscitar essa experiência, ao invés de permitir que a industrialização da agricultura continue degradando o meio ambiente pela devastação das matas e utilização maciça de fertilizantes químicos, lançando sobre as cidades enormes contingentes de parias sociais, sem trabalho, sem habitação, sem saúde, esperança ou qualquer referente cultural?

Seria a forma de recuperar uma experiência passada, evitando também que as comunidades indígenas e campesinas sejam organizadas de forma violenta e demagógica, fornecendo alicerces para tiranias populistas e caudilhescas.

Ao mesmo tempo, seria possível reestruturar culturalmente pequenas comunidades que não encontraram trabalho nas grandes cidades e perderam seus referentes culturais tradicionais, sua história e sua memória, tornando-se presas fáceis do consumismo e da bandidagem.



Igreja Jesuítica Aquarela sobre Papel. Século XIX. Acervo do Museu Histórico Nacional de Montevideo.



Igreja Jesuítica. Aquarela sobre Papel. Século XIX. Acervo do Museu Histórico Nacional de Montevideo.

Tenho para mim que a principal causa da expulsão dos jesuítas de suas missões americanas, terminando com a supressão da Companhia de Jesus não foram os seus projetos políticos e econômicos que, afinal, se inseriam perfeitamente nos projetos metropolitanos das coroas de Portugal e de Espanha.

A principal razão da extinção da Companhia foi que os jesuítas se iluminaram, ou seja, filosoficamente passaram a entender a alteridade, o ponto de vista do outro: a compreensão da Questão Chinesa e da posição negativa do Vaticano em relação à aceitação de conceitos religiosos e de ritos chineses é fundamental para entendermos o que levou as monarquias europeias e o papado generosamente conceder a extinção da Ordem dos jesuítas.

Pois estava muito além, como ainda está além, da consciência católica e do etnocentrismo cultural europeu reconhecer um outro, qualquer outro, como equivalente.

E assim, por pretenderem identificar conceitos tradicionais chineses com conceitos cristãos e católicos, os padres da Companhia causaram um terremoto cultural que pôs a Ordem no silêncio e na escuridão por cerca de meio século.

Mas, antes disso, essas luzes e essas vozes chegaram à América e possibilitaram um início de reconhecimento dos valores tradicionais das culturas aborígenes que, fundidas à herança europeia, se tornaram a fonte do orgulho mestiço americano, base histórica dos estados nacionais que surgiram com as independências das metrópoles ibéricas.



Igreja de São Miguel: vista frontal. Foto Dalton Sala, 2002.



Desenho da Igreja de São Miguel dos Sete Povos das Missões. Riscado em pedra por um Guarani. Foto Dalton Sala, 2005.



Família Guarani em São Miguel dos Sete Povos das Missões. À direita, o autor do desenho da imagem anterior. Foto Dalton Sala, 2005.

Finalizando, resta a pergunta: nesse momento em que é necessário transcender os estados nacionais, evitando ao mesmo tempo a degradação do ambiente ecológico, estariam os jesuítas dispostos a tomar parte nesta tarefa?

Montevideo, 4 de abril de 2008

“C’ est seulement quand l’ homme est capable de saisir le présent comme devenir en y reconnaissant les tendances dont l’ opposition dialectique lui permet de créer le futur, que le présent, le présent comme devenir, devient son présent. Celui-là seul que a vocation et volonté de faire naître le futur, peut voir la verité concrète du présent.”

Georg Lukacs (1960: 251)



Monograma da Companhia de Jesus. Fragmento de Talha em Pedra. Missão de São João Batista dos Sete Povos das Missões. Foto Dalton Sala, 2005.

Bibliografia

- Lukacs, Georg (1960), *Histoire et Conscience de Classe*, Paris: Les Editions de Minuit, 1960.
- Sala, Dalton; Ivanira Falcade, Jorge Rodrigues, Luis Carlos Bachi e Regina Gadelha (1994), “Os caminos das missões do Prata”. *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 424-435, Santa Rosa: Unijuí.
- Sala, Dalton (1986), “A luz e a rosa: arquitetura e linguagem: metáforas plásticas e visuais”, *Revista Mens Sana*, nº 2, p. 12-13. São Paulo, Mens Sana, maio-junho.
- (1986), “Arte jesuitismo”, *Revista Mens Sana*, nº 3, p. 12-13. São Paulo, Mens Sana, julho-agosto.
- (1987), “Arte catequese: missões jesusíticas no sul da América Latina”, *Revista Skultura*, p. 14-15. São Paulo, Jarina, outono.
- (1987), “Arte religiosa na América do Sul”, *Revista Skultura*, p. 5-7. São Paulo, Jarina, inverno.
- (1988), “Bandeiras paulistas”, *Revista Skultura*, p. 16-19. São Paulo, Jarina, inverno.

- (1989), “Arte no Brasil colonial: contribuição bibliográfica”, (em colaboração com Maria Alice Milliet), São Paulo: edição dos autores.
- (1989), “O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a questão das reduções jesuíticas da Bacia do Prata: Um capítulo da historiografia artística brasileira durante o estado novo”, *Estudos Ibero-Americanos*, v. 15, nº 1, p. 245-257. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- (1989), “Arte e sociedade nas reduções jesuíticas da Bacia do Prata”, *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 44-66; Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, outubro de 1987. Comunicações e Artes, nº 19, p. 81-100; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, agosto.
- (1989), “Bandeirantes e jesuitas nas terras da Vera Cruz”, *Diário Oficial Leitura*, nº 87, p. 8-9. São Paulo: Imprensa do Estado de São Paulo, agosto.
- (1990), “Reduções jesuíticas de índios guaranis na Bacia do Rio da Prata: Função retórica da arte no processo de catequese”, *Anais de VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 89-102, Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, outubro de 1989. Suplemento Literário Minas Gerais, nº 1137, p. 2-3. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, janeiro.
- (1991), “Bandeirantes e jesuitas: imagética colonial”, *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 42-9, Santa Rosa: Unijuí, outubro.
- (1991), “Artes plásticas nas reduções jesuítica da Bacia do Prata”, *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 79-82, Santa Rosa: Unijuí, outubro.
- (1991), “O fantasma de Santo Antônio”, *Revista Skultura*, p. 20-22, São Paulo: Jarina, verão.
- (1994), “Diogo Soares: Cartógrafo e arquiteto”, *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 373-400, Santa Rosa: Unijuí, 1994.
- (1994), “Arte e catequese no Brasil colonial”, *Encontro de Culturas: Oito Séculos de Missão Portuguesa*, p. 255-289, Lisboa: Mosteiro de São Vicente de Fora.
- (1996), *Artes plásticas no Brasil colonial*, São Paulo: Tese Doutorado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- (1997) “O Colégio dos jesuitas e a nova igreja matriz da Colônia do Sacramento por volta de 1730”, *Anais do XI Simpósio de Estudos Missionários*, p. 336-342. Santa Rosa: Editora Unijuí.
- (1999), “Arquitetura e conflito político”. In: *Missões Guarani: Impacto na Sociedade Contemporânea* (organização de Regina Gadelha): p. 83-101. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

- (2001). “Os sete povos das missões (parte I)”, *Guia Brasil*, nº 35, p. 12.
Lisboa: Embaixada do Brasil, março.
- (2001). “Os sete povos das missões (parte II)”, *Guia Brasil*, nº 36, p. 14.
Lisboa: Embaixada do Brasil, maio.
- (2002), *Ensaio sobre arte colonial luso-brasileira*, São Paulo: Landy Editora.